

COMUNICAÇÃO E CIDADANIA DAS MULHERES: fragmentos de uma história censurada¹

Alice Mitika Koshiyama²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

e-mail: alicemitika@yahoo.com

Resumo

Este trabalho credita à perspectiva dos estudos históricos sob a ótica feminista a possibilidade de descobrir no passado idéias que alimentam realizações do futuro. A pesquisa de uma história das mulheres faz emergir fatos, conjunturas e estruturas anteriormente silenciados ou excluídos do campo da história como irrelevantes. Os movimentos sociais orientados pela visão de mundo das feministas estimulam a organização, nas universidades, de estudos feministas que atuam na formulação de questões do campo teórico e filosófico sobre a mulher. Descobre-se que idéias, rejeitadas em outras épocas, podem reviver como projeto de um novo momento. Aprende-se ao garimpar a história de vidas e obras de mulheres de todos os tipos, mesmo as que no seu tempo se perderam **Como é este** relato da editoração do livro *Virgindade anti-higiênica*, publicado em 1924, pela editora de Monteiro Lobato, e informa sobre a vida e obra da autora Ercília Nogueira Cobra [cf.: Maria Lúcia Mott e Rubem Queiroz Cobra]. A escritora, no texto, condena a formação educacional das meninas, o que as impede de desenvolver plenamente suas condições como seres humanos. Propõe acabar com a desigualdade entre homens e mulheres com a oferta de uma educação igualitária para a vida, o trabalho, os esportes e os direitos sexuais e reprodutivos, a favor da saúde mental feminina. Censurada pelo poder religioso, cultural, policial e político foi uma voz solitária na sua época, mas o tempo transformou suas propostas em práticas concretas para autonomia das mulheres processo em curso, desigual e de longa duração

Palavras chave: comunicação, história, feminismo, educação, Ercília Nogueira Cobra.

¹ Este trabalho sobre comunicação, gênero e cidadania das mulheres, é parte das atividades do Núcleo de Pesquisa Jornalismo e Cidadania, do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

² Docente do Curso de Jornalismo em nível de graduação e do PPGCOM/USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e coordena com a Profa. Dra. Maria Otília Bocchini o Núcleo de Pesquisa “Jornalismo e a Construção da Cidadania” in: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0067609JCDXWBF>

COMMUNICATION FOR WOMEN CITIZENSHIP: a case of the gender history and censorship

Abstract

This work is a history about a Brazilian woman by an approach of feminist studies, Ercília Nogueira Cobra wrote *Virgindade anti-higiênica (Against Virginity)*, published in São Paulo, in 1924, by Monteiro Lobato Editor [cf.: Maria Lucia Mott e Rubem Nogueira Cobra]. The author is a feminist woman who wanted equality in education for girls and boys. She believed the women were made by cultural values. Because the women didn't take a job, they didn't make sports, they didn't have a chance to be independent, it was impossible a life without an authority of men. She lived a very difficult life, like a solitary woman against the censorship of the authorities and reactionary people.

Key-words: communication, history, feminism-Brazil, education, Ercília Nogueira Cobra.

1. História para os direitos da mulher

Pesquisar sobre a história da mulher hoje parece ser uma possibilidade comum. No entanto é muito recente o reconhecimento de que ela pode constituir um campo de estudos especializados. A história das mulheres permitiu sua inclusão como tema e reconhecer que as interpretações sobre seus atos ao longo do tempo dependia do que Michel de Certeau chamou de lugar social. Notamos que mulheres sofriam exclusões de muitos lugares na sociedade. E mesmo quando faziam história ficavam esquecidas no registro, na escrita dos fatos, elas não eram o tema, talvez porque não decidissem o que viria ser o tema da história. Se os silêncios e as omissões da história eram reconhecidos e debatidos por historiadores, somente nos anos setenta do século passado tivemos uma ação afirmativa no campo acadêmico por um grupo de mulheres feministas. Foi na Sorbone, conforme lembrou a historiadora Michelle Perrot em depoimento a jornalista Laura Greenhalg:

“ No começo, com muita hesitação. Quando, em 1973, decidi com duas colegas da universidade (Paris 7 - Jussieu) organizar um curso sobre a história das mulheres, bateu-nos de cara uma dúvida. Como batizar o curso? Pisávamos um território novo, não tínhamos idéia de como aquela iniciativa

seria recebida. Então, na dúvida, criamos o seguinte nome: “As mulheres têm uma história?”. Ou seja, o curso, já no seu enunciado, expressava uma indagação. E por que fomos tão cautelosas? Primeiro, porque sequer tínhamos material teórico suficiente para fundamentar as aulas. Segundo, porque vivíamos sob a influência, ainda dominante, do estruturalismo, que via as mulheres como “objetos de troca”. Outro motivo: havia uma tendência nítida no mundo acadêmico de privilegiar a história pública, quando, no caso das mulheres, buscava-se a informação confinada no espaço privado. Por fim, havia a crença inabalável de que a história é feita pelos homens. Até uma feminista como Simone de Beauvoir acreditou nisso. Com tantos obstáculos a vencer, minhas companheiras e eu decidimos que melhor seria apresentar o curso sob a forma de uma pergunta.” (PERROT, 2007)

O curso de história das mulheres organizou um campo de estudos e descobertas. Mas Michelle observava que o movimento feminista tinha um longo caminho para ser universal para todas as mulheres.

Avaliamos como devia ser inóspita essa terra nos tempos mais antigos, nos anos vinte do século passado...

2. Educação e direitos da mulher

Mas a mulher é um ente humano! Tem direitos naturais, soffre não póde continuar a servir de tapete para os pés dos homens."

Ercília N. Cobra (Virgindade..., 1924, p.51, [cf.: transcrição de R. Q. Cobra]

Esta fala aparece no texto como uma constatação desolada da condição da mulher. Mas devia explicitar um sentimento da autora do livro, que pode estudar, formou-se professora normalista, prestou concurso e passou em primeiro lugar. E que nunca foi nomeada para o cargo de professora por defender publicamente suas idéias sobre a condição feminina. (cf.: obra de Ercília Nogueira Cobra, *Virgindade Anti-Higiênica. Preconceitos e convenções hipócritas*. Ed. da Autora, 1924, na transcrição publicada na internet por Rubem Queiroz Cobra).

Foi um grito solitário no seu tempo, um alerta lúcido e contundente sobre a situação da mulher. E é um arrazoado que mostra a relação entre educação, trabalho, sexualidade, saúde e direito de cidadania da mulher. E o analisamos a partir dos conceitos de longa duração BRAUDEL (1978), lugar social CERTEAU (2006), feminismo SILVA (1994), história e valores HELLER (2004), cidadania e direitos BOBBIO (2004).

De uma perspectiva interdisciplinar da questão, constatamos que o conceito do que é ser uma mulher saudável tem-se modificado ao longo do tempo. Há várias pesquisas sobre a saúde na história. Uma delas apresenta uma perspectiva sobre sexualidade e vida quotidiana e relata a participação da ordem médica, religiosa e educacional na construção social da saúde ao estabelecer patologias e doenças de uma época GAY (1988). O autor refere-se ao contraste entre os discursos sobre a sexualidade – as interdições, as condenações, os pecados, as enfermidades – e os registros sobre as práticas realizadas, as fantasias alimentadas sobre sexo na vida quotidiana. Ou seja, o comportamento sexual pregado era um mito, mas pessoas adoeciam ao tentar seguir diretivas dominantes sobre como deviam viver a sua vida sexual; e parte dessas pessoas foram pacientes tratados pela psicanálise de Freud.

A história da sexualidade reprimida derruba a idéia da saúde mental como um valor em si, desligado da sociedade que o prescreve. Neste contexto, consideramos algumas mudanças sobre comportamentos dados como corretos e saudáveis, exemplos de conquistas pertinentes a ampliação dos direitos de cidadania da mulher. Por isso, cabe observar a emergência de discursos sobre questões de gênero, divergentes da ordem dominante em diferentes épocas da história.

Examinamos no livro de Ercília Nogueira Cobra proposições dela para a vida quotidiana da mulher na sociedade brasileira dos anos vinte. E avaliamos, se sua proposta para a vida das mulheres, forma parte de um processo de “longa duração” BRAUDEL (1978) na história dos direitos de cidadania e dos direitos sexuais e reprodutivos.

Constatamos que a luta pelos direitos de cidadania, é um processo que data do iluminismo BOBBIO (2004), porém voltado para os homens. Porque o “lugar social” Certeau.(2006) das mulheres não contemplava a possibilidade de ter direitos de cidadania.

Tivemos acesso a obra de Ercília Nogueira Cobra e informações sobre sua vida e obra a partir das referências bibliográficas de Rubem Queiroz Cobra e Maria Lúcia Mott.

3. A proposta de igualdade pela educação

2.1- A mulher sem direitos

Na leitura de *Virgindade Anti-Higiênica* observamos o impacto da linguagem contundente na observação da vida cotidiana das mulheres. A autora mostra a relação entre saúde, sexualidade e ausência de direitos de cidadania. Rubem Queiroz Cobra (cf.: Ercília: culta e destemida modernista brasileira.) destaca a familiaridade da autora com autores do modernismo e seu conhecimento sobre psiquiatria:

“ Em sua época, “higiene” aplicava-se a uma condição psicológica sã, e não simplesmente ao asseio do corpo. Higiene Mental é a ciência de manter a saúde psíquica e prevenir o desenvolvimento de psicoses, neurose e outras desordens mentais. Inclui todas as medidas tomadas para promover e preservar a saúde individual e coletiva..”

2.2 – Edições do livro

Virgindade Anti-higiênica teve pelo menos quatro edições entre 1924 e aproximadamente 1932. A primeira delas foi feita por Monteiro Lobato, editor que além de faro comercial, de excelente sistema de distribuição, privilegiava autores novos. No registro bibliográfico da *Revista do Brasil*: p.244, de 1924, também editada por Lobato, encontra-se uma crítica ao livro:

" (...) O que não há de se negar é que seu trabalho se caracteriza por muita personalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua, com uma coragem que não se encontra nem mesmo nos arraiais do outro sexo". (MOTT)

2.3 – Pornografia ou uma editoração descuidada

M. L. Mott propõe a questão e a responde: Teria sido explicável a alcunha de pornográfica atribuída a Ercília? Pois ao lado da leitura feminista, literária, eugênica, dos livros de Ercília, a forma, o conteúdo e a apresentação gráfica de uma edição que reuniu um texto de ficção e seu ensaio feminista, fizeram com que fossem lidos, como

pornográficos. A edição de 1932, por exemplo, tem todas as características de um livro pornográfico, avalia Mott: o ensaio e a novela foram reunidos em um só volume, que se passou a chamar *Virgindade Inútil e Anti-higiênica*. O ensaio foi deslocado para segundo plano, sendo a ficção que abre esta edição. (...)

2.4 – Um tema inédito entre autores nacionais

Nas primeiras linhas da obra, sinaliza seu isolamento no cenário cultural brasileiro. Ercília comenta o ineditismo do seu tema entre autores nacionais e justifica a citação de fontes européias para fundamentar seus argumentos, a leitura de autores em língua francesa, como Anatole France, e de obras da literatura realista e naturalista, como os romances de Emile Zola.

2.5 – Mulheres: a maioria de poucas letras e nenhuma profissão

Ercília Cobra mostra os erros da educação das mulheres na vida brasileira: “ o critério seguido para a educação da mulher é o das poucas letras e nenhuma profissão”.

Ao contrário dos homens, que são estimulados para a prática dos esportes, a mulher é condenada a permanecer com deficiência da educação muscular, pois o moralismo que prega recato a elas é claramente hipócrita.

O envio das meninas para serem internas nos conventos é outro ponto negativo, pois as distancia da vida e coloca-as sob tutela das freiras, em regra mulheres pouco conhecedoras da vida mundana. (pp. 29-31)

2.6 – Igualdade e exigência do fim da dupla moral

Ercília prega o fim da dupla moral em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, a exigência da mulher sexualmente casta e a total permissividade para o comportamento sexual do homem. E que permitia a um homem ser honrado trabalhador, respeitável pai de família, manter amantes e freqüentar bordéis. Enquanto mulheres eram valoradas pelo uso que faziam do órgão sexual: como virgens, esposas, amantes, prostitutas. A autora defendia direitos humanos iguais para homens e mulheres. E defendia a liberdade sexual, o controle da natalidade, a maternidade opcional como medidas necessárias na sociedade.

2.7 – As causas da dependência da mulher

Aos homens é dado todo o poder para decidir. O fato das mulheres não se formarem para exercer uma profissão no mercado e serem legalmente impedidas de gerir seu patrimônio (a cargo de pais, maridos ou irmãos) deixava-as à mercê dos homens. O que gerava comportamentos hipócritas socialmente e doentios do ponto de vista da higiene mental.

A autora questiona as alegações de inferioridade das mulheres. Como teriam condições para desenvolver plenamente suas potencialidades, se são tratadas desigualmente no acesso à educação, ao trabalho e aos direitos de cidadania?

4. A militante solitária e a longa duração no feminismo

A pesquisa registrou o comprometimento da autora Ercília Nogueira Cobra com os valores da igualdade de gênero, com a proposta de uma nova educação para as mulheres de todas as classes sociais, preparando-as para o trabalho e a vida em sociedade livre de tutelas masculinas.

Ao propor o fim da dupla moral em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, tocava em uma questão só desenvolvida e equacionada pelos movimentos feministas das últimas décadas do século vinte, mas não solucionada ainda (há religiões e estados que continuam discriminando a mulher em todos os direitos de cidadania).

A repressão que sofreu de autoridades religiosas católicas, que interditarão seus textos, e de policiais que apreenderam seu livro, não arrefeceram sua radical oposição ao mundo que a cerceava.

Ercília Nogueira Cobra discordava do conceito de higiene mental da psiquiatria dominante que diagnosticava o desajuste psíquico, a histeria em mulheres. Ela demonstrou que o desajuste estava no sistema social e ao denunciar o sistema, adotou um discurso radical feminista.

Mas ela não se agrupou com as mulheres que lutavam, na mesma época, pelos direitos civis e políticos, como o de votar. Não formou grupos, não teve organizações e nem meios de comunicação, na sua época, que ampliassem a divulgação de suas idéias. Exceto o editor e escritor Monteiro Lobato, um simpatizante da causa feminista, que publicou a 1ª. edição de *Virgindade Anti-Higiênica* e fez propaganda do livro.

Sua obra e sua vida apontavam para o futuro muito distante, pois as mulheres naquela época estavam destinadas a lugares marcados: o lar, o prostíbulo, o convento. Os lugares cercavam, marcavam e separavam as mulheres. RAGO (1991) provocava repulsas ostensivas, em mulheres de mentes dominadas pelas idéias impostas pela cultura católica que fechavam as janelas quando a viam passar, lembrou a pesquisadora M.L. Mott.

Nos anos sessenta do século vinte várias das propostas de Nogueira Cobra sobre direitos sexuais e reprodutivos integravam a pauta dos movimentos feministas, comprovando-se a sua pertinência para a história das mulheres. Elas se agrupavam em movimentos sociais e conseguiam legitimidade como área de pesquisas históricas. Michelle Perrot lembrou a gênese do curso que organizou na Sorbonne sobre história das mulheres em depoimento a Maria Laura Greenhalg. PERROT.(2007).

Ao estudar a ação jornalística de Cármen da Silva, na revista *Cláudia*, da Editora Abril entre 1963 a 1985, notamos diferenças na visão de feminismo dela e a defendida por Ercília Nogueira Cobra. Esta queria um padrão único de comportamento para as mulheres, o de se igualar aos homens nas oportunidades de educação, trabalho e exercício da sexualidade. Mulheres deveriam estudar e se formar para ocupar um posto no mercado de trabalho e serem independentes da tutela masculina em todos os momentos de sua vida.

Entendemos que no tempo de Ercília Nogueira Cobra, a mulher vivia sob o peso esmagador das leis e dos costumes, o que impedia o seu pleno desenvolvimento: intelectual, físico e emocional. E que Ercília lutou contra a religião dominante, a legislação, a medicina, a polícia e a maioria de mulheres e homens insensíveis à sua pregação inovadora.

O feminismo da psicóloga e jornalista Cármen da Silva propunha mudar os papéis de homens e mulheres na sociedade: modificar leis, dividir tarefas, compartilhar papéis de cuidar dos filhos e da casa e trabalhar em uma profissão. Eram idéias de possível execução nos anos sessenta do século XX, as mulheres podiam investir na autonomia, ser protagonistas de suas histórias de vida, propunha Cármen. Elas podiam, em tese, decidir o

que fazer, embora continuasse a haver, como ainda hoje, oposições de homens que negam às mulheres a igualdade nos direitos, fato comprovado com os constantes atos de violência contra a mulher.

Na atualidade, compreendemos que o feminismo não é uma categoria única, e que há diferenças pautadas pelas perspectivas individuais das militantes e das conjunturas e épocas em que viveram. Detalhamos uma das possibilidades em um estudo que fizemos KOSHIYAMA (1998). Cármen da Silva propunha uma mulher protagonista de sua história, e, ao longo dos anos de revista *Cláudia* procurou mostrar como isso podia ser alcançado.

O trabalho de Ercília Nogueira Cobra hoje pode ser compreendido melhor na sua dimensão histórica, de propor mudar o lugar social das mulheres, opondo-se a cultura e a organização social e política dominante. Propunha mudar o sistema educacional e os costumes, criar políticas públicas para apoiar as meninas e as jovens para que elas fossem preparadas para serem cidadãs com plenas condições com obrigações e direitos iguais aos homens. Entendemos porque ela foi uma pessoa rejeitada por uma sociedade hipócrita, que aos homens tudo permitia e às mulheres reprimia como seres semi-capazes no plano jurídico, mental, trabalhista e sexual. Foi maldita porque sonhava com outras possibilidades e outros destinos para a vida das mulheres. Que elas pudessem escolher o que fazer, como e com quem viver, para onde ir. Ela mesma não deixou dados que sinalizassem com certeza como foram seus últimos anos de vida: não a documentos e sequer depoimentos orais confiáveis, depois da notícia de que perdera a casa em que morava no sul do país, por não ter podido pagar os impostos (MOTT, 1986)

Hoje, quando temos anúncios em revistas da grande imprensa brasileira, no dia 8 de março de 2011, comemorativos do Dia Internacional da Mulher, proclamando que a mulher pode ser o que ela quiser, até presidenta da República, isso parece natural. A maioria das pessoas ignora a luta travada ao longo do tempo por mulheres, muitas delas, que enfrentaram a condenação dos seus contemporâneos. Como Ercília Nogueira Cobra que escreveu e viveu o que escreveu, na lembrança da pesquisadora e escritora Maria Lúcia Mott, que pacientemente trabalhou sobre papéis, depoimentos e no final sobre vestígios de tão rica existência.

5. Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Apres. Celso Lafer. Nova ed., Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva, 1978, pp. 41-77.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2a. ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

COBRA, Ercília Nogueira. Virgindade Anti-higiênica - Preconceitos e convenções hipócritas. Ed. da Autora, São Paulo, 1924, 127 p. (referido por L. C. Melo e minha cópia), transcrição de R.Q.Cobra, in: <http://www.cobra.pages.nom.br/ft-virgindade.html>

COBRA, Rubem Queiroz. “Ercília: culta e destemida modernista brasileira”. In: <http://www.cobra.pages.nom.br/ft-ercilia.html>

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Trad. Perl Salter, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, 7a. ed., Rio, Paz e Terra, 2004.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Communication, identité et citoyenneté féminine dans la culture globale: actualité du passé: in ACTES DU IV^{ème} Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETÉ, Grenoble, 1998, pp.269-276.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. “História de uma romancista corajosa”, in: <http://cucamott.sites.uol.com.br/romancista.htm>. “Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra”. **Cadernos de Pesquisa**, 58:89-104, ago. 1986.

PERROT, Michelle. “Caçadora de memórias femininas”, entrevista a Laura Greenhalg. Caderno ALIAS, *O Estado de S. Paulo*, 04 de março de 2007. disponível em: <http://www.estado.com.br/suplementos/ali/2007/03/04/ali-1.93.19.20070304.10.1.xml>, acesso em 12 março de 2011.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930*. Rio, Paz e Terra, 1991.

SILVA, Cármen da. *O Melhor de Carmen da Silva*. Seleção de Júlia Tavares, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.